

## UM PROCESSO DE MIGRAÇÃO E DE SUBJETIVAÇÃO NO ROMANCE "ESSA TERRA" DE ANTONIO TORRES

Paulo Roberto Lima Dias <sup>1</sup>

### Resumo:

Este trabalho teve como objeto a realização de uma leitura do processo de subjetivação capitalista através do ambiente migratório que se apresenta no romance *Essa Terra* do escritor baiano Antonio Torres, com o objetivo de identificar os mecanismos que organizam e produzem rupturas semiológicas, produtoras de comportamentos esquizos. Com os conceitos de escritura de Jacques Derrida e subjetividade e singularidade de Félix Guatarri foi possível identificar como o autor constrói manifestações esquizofrênicas e de “dessemiotização”. O aporte teórico-metodológico constituiu-se na exploração da fonte primária e da pesquisa bibliográfica. Este estudo evidenciou várias marcas da captura do desejo na narrativa de uma migração mal sucedida, a partir da compreensão de que esse entre-lugar pode engendrar fragmentações semânticas que se opõem a apropriação do prazer e ao surgimento de singularidades criativas.

Palavras-Chave: subjetivação capitalista, processos migratórios, esquizofrenia.

O entendimento do que seja modos de produção oferece subsídios teóricos para que possa me deter no objeto desse artigo que estará colocando em relação os meios utilizados por Antonio Torres para caracterizar o processo de esquizofrenia provocado em ambientes migratórios marcados pelo capitalismo. Essa percepção do fazer literário do escritor baiano terá como marco a leitura do Romance *Essa Terra* acompanhada de outras duas de suas narrativas a “Carta ao Bispo” e um *Taxi para Viena D’Áustria*. Esses romances demonstram muito bem as formas de captura do desejo próprias dos processos de subjetivação capitalista. Seus personagens principais entram em um contexto de errância e vão apresentando rupturas cada vez mais acentuadas em sua subjetivação. Todos os romances retratam a migração de nordestinos para o sul do país. Em *Essa Terra* (é por isso ele funcionará como ponto de referência dessa abordagem) trata-se da migração de morador de um vilarejo, o Junco, atual cidade de Sátiro Dias, pertencente ao hoje denominado Território 18, que tem como sede simbólica, o município de Alagoinhas, onde está localizado o campus II da Universidade Estadual da Bahia, entidade que desenvolve o mestrado em Crítica Cultural, em que se insere essa minha pesquisa, que ora antecipo algumas considerações. Colocar esses personagens de ficção com as teorias, discutidas em sala de aula, me permite ver como os personagens

de Torres vão se “dessemiologizando”, rompendo com a subjetividade capitalista, pois ainda recusam a singularização, que seria uma ressemantização de sua vivências e caem na individuação. Ao que parece, a prisão da individuação leva desfechos trágicos, presentes nessas obras.

O personagem de *Essa Terra*, Nelo, se suicida, o de *Carta ao Bispo* também e o de *Um Taxi para Viena D’Áustria* comete um homicídio torpe de um amigo. Percebendo algo em comum entre os três, diria que a individuação é um processo racional de solução do dilema da subjetivação capitalista, em que as massas se insurgiriam a qualquer momento diante de uma tomada de consciência, baseada na lógica, algo com forte influência iluminista/marxista. Sendo assim Torres, recorre ao subconsciente para construção de uma esquizofrenia que se canalizada para singularidades coletivas como rodas de samba, produção de acontecimentos (eventos de resistência/ desterritorializante), rituais e performances estéticas e novas formas de enfrentamento político; encontram a linha de fuga ou a construção perante a ruína, de acordo com o pensamento de Walter Benjamin.

Estarei me valendo dos conceitos presentes no trabalho de Félix Guattari e Suely Rolnik em “*Cartografia do Desejo*” e em algumas leituras que lhe são complementares. Entendendo o processo de subjetivação capitalista como a forma que essa ordem econômica constrói modelos para conduzir de maneira favorável suas intensões de lucro se apropriando das máquinas desejantes que fundamentam o pensar, o sentir e o fazer humano bem como a compreensão do mundo que o cerca com suas instituições e divisões de classe, raça e gênero, como também a percepção que tem de si e das relações que estabelece com o outro.

Claro aqui que quando falo instituições estou colocando duas potências básicas em uma cartografia posta para visualizar as várias encenações do dia-a-dia: a máquina do desejo na sua relação de conflito e negociação (ou cooptação) da máquina do poder(político, econômico, religioso), mas não no sentido de embate ou de confronto, mas justamente de ajustamentos semiológicos de capturas que não se totalizam e mantém todos os agenciamentos maquínicos em funcionamento, como bem explica Giles Deleuze, companheiro de Guattari em várias obras que estarão aqui bem presente, dialogando principalmente com dois autores de grande expressão: Michel Foucault(1996) e Fedric Jameson(2004). Como diz Guattari e Rolnik: a ordem capitalista é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica, o que coincide com Jameson quando este fala da colonização do inconsciente pelo capitalismo tardio, que para ele seria o fundamento da pós-modernidade.

Para Guattri e Rolnik, a subjetivação capitalista “trata-se de sistemas de conexão direta entre a grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instância psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo”(35). As produções subjetivas antes eram relegadas à margem pelos sistemas econômicos e seus correspondentes mecanismos estatais e pelos movimentos que almejavam substituí-los

por sistemas mais justos, sem opressão de classes, como foi o caso mais significativo do marxismo.

Para cartografar essas forças que se entrelaçam socialmente e encontrar novos modos de agir comunitariamente, com mais satisfação e resgate do desejo, é preciso observar que processos de ressemantização estão em curso, estes coincidentes como processos de singularização considerados por Rolnik e Guatarí. Nesse aspecto de recomposição e resistência semiótica, a experiência dos cadernos negros será fundamental, para se colocar como saída a esquizofrenia retratada por torres.

Essa singularização que se opõe a subjetivação capitalista seria:

“Modos de produção semiótica que permitam assegurar uma divisão social da produção, sem por isso fechar os indivíduos em sistemas de segregação opressora ou categorizar suas produções semióticas em defesa de distintas culturas”(2011, p.29)

Nesse aspecto, Rolnik nos deixa a indagação que está no centro da crítica cultural, portanto diz respeito tanto a pesquisa em que se inseri esse trabalho, quanto ao seu destino:

“Como abrir, e até quebrar, essas antigas esferas fechadas sobre si mesmas? Como produzir novos agenciamentos de singularização que trabalhem por uma sensibilidade estética pela mudança de vida em um planeta no mais cotidiano, e ao mesmo tempo, pelas transformações sociais em nível dos grandes conjuntos econômicos e sociais?”(2011p. 29)

Essas primeira amarrações teóricas servem a princípio para situar o nosso objeto de trabalho, mais adiante irei detalhadamente dizer dos procedimentos para cartografar a subjetividade, a singularidade e individuação. Metodologicamente vamos nos guiar pelos referenciais epistemológicos de Michel Foucault quando ele diz em "A Ordem do Discurso" para quem “o novo não está no que é dito mas no acontecimento em sua volta”(pag. 26); dessa forma, ele está se referindo a formação de singularidades. Mas, nesse momento, ele se afasta do marxistas e de Fredric Jameson(2004), pois entende que o contra-discurso não se forma em níveis conscientes, nem em uma practice modelizadora. Ela surge de um impulso que está no âmago da subjetivação que é a máquina desejante. Nessa reformulação semiológica é que reside esse entorno de que fala Foucault, que participa do modelo globalizante, molar, na terminologia de Guatarri, em direção ao micro-político que se constitui no molecular(outro termo guattariano). A desterritorialização ocorre primeiro no nível simbólico, sem aqui cair em nenhuma idealização ou essencialização.

Acompanhando o pensamento de Foucault(1970), não vou pensar o “autor” da obra de ficção como na idade média, que era aquele pronuncia a verdade; ele será visto como princípio organizador do discurso, no aspecto de sua significação e sua coerência. Mas, compreendendo que ao redor existem muitos discursos, que não recebem seu

sentido e sua eficácia de um autor. Mas a ele cumpre o papel da inserção no real, principalmente na obra de ficção. A correlação com o discurso científico é fundamental porque este se espraia pela sociedade disciplinando e ordenando o campo simbólico e produzindo também reações contra discursivas em um embate para capturar o desejo como elemento central das subjetividades. Foucault adverte que nem todas as “regiões do discurso” são permeáveis como nos faz pensar os princípios democráticos. Ele afirma que as coerções dos discurso “limitam seus poderes, dominam as aparições aleatórias e selecionam os sujeitos que falam”. Os cadernos Negros, portanto, são um processo genuíno de singularização, pois realizam estratégias que desmontam essas coerções, principalmente ao identificá-las. Identificar como operam as máquinas que tentam capturar o desejo é fundamental para a elaboração da linha de fuga e da prática de desterritorialização e de uma literatura menor como defendem Deleuze e Guatarri(1997).

O que acontece com os personagens de Torres é que eles não se detêm no plano semiótico, o introjetam de forma esquizofrênica, ou seja, apenas captam os efeitos das máquinas mas não as identificam, nem conseguem ver seu modo de funcionamento. Tanto Benjamin(2006) quanto Jameson vão em busca de conhecer essas máquinas. Só que Benjamin percebe que o processo de singularização estará sempre pronto a emergir e Jameson apenas entende a subjetivação capitalista. Jameson está mais próximo dos personagens de Torres, pode a qualquer momento agudizar seu processo esquizofrênico, porque ele não passa para um estágio do encontro saídas- linhas de fuga. Nesse ponto, pode-se dizer que os personagens de Torres apresentam um viés, mesmo que superficial, do marxismo.

Deleuze e Guatarri em O Anti-édipo falam da relação do homem/natureza como uma relação de produção, que “excede todas as categorias ideais” e forma um ciclo que tem o desejo como princípio. Essa relação não pode ser tomada como meta, “nem confundido com sua própria continuação ao infinito”, pois isso geraria a esquizofrenia artificial, clínica.(2010,p.15). Em contraposição ele coloca uma esquizofrenia como realidade essencial do homem e da natureza, é o universo das máquinas desejantes produtoras e reprodutoras, que operam de maneira criativa e autônoma. Eles falam que na própria relação familiar existe o contato com o mundo que extrapola o triângulo edipiano: “É que, em certos casos, pode tratar-se da maneira como o desejo investe o campo social desde a infância e sob estímulo familiares vindos dos adultos: todas as condições estariam dadas, então, para uma adequada compreensão(extra-familiar) da libido”(idem p. 125).

Nesse ponto, capitalismo descobriu que as desfuncionalidade provocadas por uma esquizofrenia produtiva poderiam ser um princípio do próprio funcionamento do sistema. Chega-se a conclusão que o capitalismo produz seu nível aceitável de esquizofrenização. Para Deleuze e Guatarri o capitalismo é a descodificação generalizada dos fluxos, incorpora todos os sistemas anteriores porque “é o negativo de todas a formações sociais”.

“Nunca uma discordância ou disfuncionamento anunciaram a morte de uma máquina social que, ao contrário, se alimenta habitualmente das contradições que provoca, das crises que suscita, das angustias que engendra e das operações infernais que revigoram(...).(Ibidem, p.202)

Realizando uma retomada a origem não como começo, mas como estado antecedente. Deleuze e Guatarri vão encontrar na produção agrícola a passagem da esquizofrenia produtiva para esquizofrenia capitalista e a artificial clínica:

“Ela(a terra) é superfície sobre a qual se inscreve todo o processo de produção, sobre as quais são registrados os objetos, os meio e as forças de trabalho, sobre as quais se distribuem os agentes e os produtos. Ela aparece como quase-causa da produção e objeto do desejo(é o liame que se cinge do desejo com sua própria repressão”. (2011, p.187)

Então é nesse ponto de junção entre a produção capitalista e a produção esquizofrênica do homem com a natureza é que vai se produzir a esquizofrenia capitalista ou como prefere Guatarri e Rolnik em “A Cartografia do Desejo”, a subjetivação capitalista. O capitalismo desse modo está sempre, segundo esses autores, operando nos limites de sua própria destruição, na medida em que precisa operar com fluxos não-codificados e se alimenta de suas próprias disfunções.

A escrita de Antonio Torres aqui será apreciada a partir das teorias desenvolvidas no Livro “Espaço Nacional, Fronteiras e Deslocamentos na Obra de Antonio Torres”, uma coletânea de textos organizados Cláudio Cledson Novaes e Roberto Henrique Seidel(2010, ). Esta escrita se identifica por perfil pós-modernista, no entanto, na minha percepção, considerando as apreciações de Silviano Santiago(XXXX), teve forte influência na literatura modernista de vanguarda. Com Silviano pode-se entender a produção torreana como um processo de singularização, de resistência à subjetivação capitalista, no universo das ex-colônias, processo que ele chama de Cosmopolitismo do Pobre.

Ao antecipar e se inscrever na pós-modernidade, narrativa migratória que se coloca para desvendamento de seus fluxos e imagens, pode se servir das advertências de Fredric Jameson quando aborda o Capitalismo Tardio, pois o romancista fala desse mundo pós-moderno que perdeu seu eixo norteador, dos valores e princípios do bem comum que entraram em declínio com a nova ordem subjetiva desejosa de produzir singularidades. Ele fala define o pós-moderno como uma falta de profundidade e de historicidade no plano público e privado; também concorda que trata-se de uma ordem esquizofrênica, com novos tipos de “sintaxe e de relações sintagmáticas”, um novo tipo de “matriz emocional básico”(intensidades) ou seja uma mudança no processo subjetivo(p.32). Jameson denuncia uma exacerbação do sensorial em detrimento do emocional e do político/ideológico. Em termos de literatura, Torres pode ser considerado pós-moderno por superar a dualidade do signo de Saussure, trabalhando dentro do que Derrida(2011) chamou de Escritura ou significante do significante. Com

esses elementos vamos mirar os elementos dos romances de Torres colocando em planos intensivos, observados dentro dos significados que resultam de sua ocupação espacial, em um plano de imanência, para captá-los como acontecimentos, na sua produção de diversidades.

As abordagens teóricas sobre os cadernos negros contribuem para a discussão do canône e anti-canône, unindo-se ao conceito de literatura menor também de Deleuze e Guatarri(1997). Que seria a utilização política de uma linguagem marginalizada com o intuito de provocar deslocamentos de sentidos e valores no interior da língua maior para superação de posições subalternas e de exclusão. Os Cadernos Negros é um bom exemplo desse fazer literário, como também veremos que a literatura de Torres se inseri nessa margem, embora não parta de uma construção coletiva como na experiência literária negra

Deleuze e Guatarri(Ibidem, 1977) referindo-se a literatura menor, que caracteriza a produção dos cadernos negros como a criação de Torres, afirma que ela é “a desterritorialização de uma língua, a ramificação do individual no imediato político, o agenciamento coletivo da enunciação”. Mas adiante, completa(...) dizendo que significa encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu terceiro mundo, seu próprio deserto. Trata-se de instaurar um uso menor dentro de uma língua maior(p.28).

Por meio do trabalho de Durval Muniz Albuquerque Junior(2011) contextualiza a produção de Torres no ambiente cultural nordestino. Na realidade, o autor baiano não reforça discurso de uma cultura homogênea ou que forma um todo articulado. A expressões próprias do homem do nordeste, a exaltação de suas crenças e a eterna queixa da seca, ou a busca de uma pureza e de uma essencialidade dessa cultura não motiva a narrativa aqui exposta. Segundo Durval Muniz este apelo à formação de uma cultura única com traços comuns, ligados por um primitivismo, pelo coronelismo e por um ambiente natural hostil foi produzido pelas elites decadentes do açúcar e do cacau para se contrapor à soberania econômica do sul industrial. Nesse ponto a obra de Torres rompe com essa modelização, forma uma produção molecular e gera uma singularidade, uma literatura menor.

Essa Terra conta a história de Nelo, um filho de um lugarejo, que desde criança revela uma inteligência incomum, sobriedade, ponderação, que todos o tinham como alguém com o perfil para migrar para o sul e fazer sucesso. O que afugenta os filhos do Junco não é propriamente a seca que não figura dentre as mais severas, mas a baixa produtividade do solo que produz homens limitados, que reproduzem as mesmas prosas, os mesmos gestos, gente simples, isso que se chama de cultura, que no caso do Junco significa o aprendizado de viver na mesma impotência. O ponto curioso dessa estória é que Nelo retorna fracassado de São Paulo, com o peso e a vergonha do derrotado. Isso é dramatizado no romance por Torres pelo mutismo do personagem. Nelo é personagem central que não fala. Torres expressa desta memória referente e hermetizada apenas dois episódios ocorridos na cidade grande: uma surra que levou bêbado e a traição da

mulher com um primo também migrante. A perda da mulher amada para alguém que foi para São Paulo e se adaptou.

Essa é mais uma construção que torna mais viva a não pertença, o entre-lugar, daquele que deixa de fazer parte da cultura de origem e não se insere na cultura do lugar para onde se migra. O entre-lugar é dessemiotizado, esse nada que pode ser o impulso para hibridizações culturais, pode levar a esquizofrenia. Como Deleuze definiu a esquizofrenia produtiva não pode ser tomada como meta nem levada ao infinito, porque dessa forma se constitui a esquizofrenia clínica. Isso é o que acontece com Nelo, que termina se suicidando. Seu desejo foi capturado por alguma máquina de poder. Nelo não sabe distinguir quem ou o que capturou seu desejo, assim emudece e assim é que Torres consegue produzir o seu esquizo, aquele que foi dessemiotizado.

Nelo sucumbiu por sua resistência individualizante a subjetivação capitalista, sem conseguir articular um processo de singularização. Cai na individuação desprovido da capacidade de articular os códigos para fornecer sentido a realidade e recompor sua inserção na máquina desejante. Enxerga a alienação da subjetivação capitalista, da máquina de poder, mas sem a presença de uma resistência coletiva se desempodera completamente. Com base em Lacan, Marco Antonio Coutinho Jorge((2010) enfatiza a função da linguagem para o equilíbrio psíquico quando diz que “o desejo é a pulsão que foi enquadrada, emoldurada por uma determinada fantasia”( p. 148) Mas adiante, Coutinho, se referindo à melancolia, continua dando pistas desse uso da linguagem como centro do processo de subjetivação: “Na melancolia, o sujeito fica sem condições de refazer essa janela de defesa que consiste na fantasia, a fantasia como proteção contra o real. Devido a insuficiência do simbólico, o trabalho do luto não pode ser realizado”(pag. 149)

Coutinho conta o processo de melancolia vivido pela poetisa Florbela Espanca. Ela produz obras na tentativa de superar o luto relativo a morte de seu amante e irmão, termina se suicidando três anos depois deixando como últimas palavras em seu diário: “(...) e não haver gestos novos nem palavras novas”.Essa é o que estamos aqui tratando, amparado em Guatarri e Deleuze, como a captura do desejo, a dessemiotização.

Esse achado estilístico de Torres, se encaixa perfeitamente com as teorias sobre a esquizofrenia e ao mesmo tempo a expressa, como no trecho que expressa o estranhamento de Totoim, irmão mas novo de Nelo que narra a história, frente ao esquizo:

“Acho que foi a única vez que nos olhamos de frente, durante todos esses dias em que passamos juntos. Quatro semanas benditas que me provaram que a eternidade existe. Qualquer um pode experimentá-la. Basta ter um irmão ao lado e não saber o que fazer com ele”(2008 p. 23).

Essa cena traz todo o peso do sofrimento silencioso de Nelo e toda perplexidade de Totoim, um funcionário público modelizado, frente ao quadro que colocava em

cheque toda sua capacidade de dar sentido ao que vivenciava. Ele sentia ali a fronteira de seu processo semiológico frágil e a dessemiotização. Totoim se sente pequeno diante do mundo, diante do irmão e assustado com esse vazio que ela chama de eterno. Segundo Coutinho, esse vazio seria o real lacaniano, as forças mais primevas do humano(2010 p. 23)

Sabendo do suicídio do irmão, a estória é um flash back, Totoim, considera o reencontro como “a ponte que levará ao ponto final de um tempo”. Então, aqui Torres usa mais um recurso esquizo, faz com que suicídio apresente diversidades de sentido. O fim de um processo esquizoide e o a representação de um fim de um tempo. A partir do suicídio Totoim migra para São Paulo e se acomoda a subjetivação capitalista, como fica retratado no romance posterior a Essa Terra.

Carta ao Bispo retrata um outro personagem suicida, uma outra “pessoa” com uma outra história, mas que tem o poder de contar o seu drama. Não lhe escapa a linguagem não se dessemiotizou inteiramente como Nelo, mas sua linguagem é fragmentada. É a narrativa de um jovem com talento para a vida política e para as artes, que pensa em mudar o destino sofrido de sua gente. Aqui outro ponto que se repete “o povo sofrido”. Os romances de Torres tem esse link com marxismo do povo que sofre, mas ao mesmo tempo dentro da sua concepção já pós-modernista já desconstrói esse discurso messiânico de Marx para investir na subjetividade dos personagens. Torres é considerado o primeiro autor regionalista que subjetiva o drama da migração. “O povo que sofre” é para ele mais um carma, um sintoma, que incomoda, que descentraliza os seus personagens do que uma classe social delineada sociologicamente, é quase um fantasma, que impede que a vida dos personagens centrais sigam uma trajetória plácida, ele é o motivo da tormenta, como a casa vazia de trata Deleuze.

Outra característica desses dois romances é que as máquinas institucionais que “geram o povo sofrido” elas não aparecem em Essa Terra, apenas a máquina econômica, quando o Banco empresta dinheiro a seu pai e depois quer lhe tomar as terras. No caso de Gil em Carta ao Bispo surge na figura do bispo, máquina religiosa, e na do deputado, máquina política. Nesse ponto, Torres deixa-se cair na expressão binária bispo bom X deputado mal, mas de imediato, retoma a diversidade de uma realidade em devir, quando deixa claro que fala de um bispo bom, nunca de uma igreja boa.

Seus personagens não fazem nenhuma análise das instituições como cansou de realizar Glauber Rocha em seus filmes. Estava primeiro interessado em trazer para o primeiro plano o processo de subjetividade do sertanejo migrante. Depois, esta característica vem a servir, consciente ou inconscientemente, como traço da presença esquizofrênica, porque revela a incapacidade de seus personagens de identificar as máquinas que lhes roubam o desejo, aspecto agudo de dessemiotização.

Quem sabe do mutismo de Nelo e do caráter intensamente discursivo de Gil, se possa, por um exercício, unir as duas obras e os dois suicídios, pensá-los como um único personagem. Pedindo claro mil perdões ao autor por esse artifício utilizado. Mas



pelo menos a mim, parece que Gil diz tudo que ficou engasgado na garganta e embotado no cérebro de Nelo.

O desejo de Gil não foi completamente capturado pelas máquinas de poder, tanto que todos em sua volta revelam a esperança de seu reenquadramento na subjetivação capitalista. Mas nele a esquizofrenia produtiva e a capitalista entram em desacordo. Torres fragmenta a linguagem, claro que esse recurso estilístico não é novo, foi bastante usado pela vanguarda do modernismo, da qual Torres parece que teve forte influência. Mas é impressionante como ele usa esse recurso justamente para retratar uma não pertença e um entre-lugar e repete isso em vários de seus romances, como se esse recurso fosse o mais acertado para retratar os processos de subjetivação fronteiriços, que ele, como migrante também, deve ter vivenciado.

Esse trecho de Gil, um baiano nômade que percorre boa parte do país em sua errância, dá um bom exemplo de como Torres se apropria da linguagem, na perspectiva de uma escritura de Derrida(2011), que quebra com o significado transcendental:

“Quando medo aperta, a gente arreia a crista, abaixa os olhos, vai com eles ao chão, pede a terra que se abra numa lasca maior ainda do que existe entre as pernas da mãe que nos pariu, para que a gente se enfie lá dentro e desapareça. Mas não posso me fazer de covarde, pelo menos agora, quando estou diante de um primo e preciso de sua companhia, porque não posso enfrentar todo esse medo sozinho. Então retirei os olhos do chão e levei até à parede. E enquanto meu primo Felipe me contava tudo que seu pai, o meu tio Inocêncio, lhe contara, eu pedia socorro ao Sagrado Coração de Jesus. E ele era sagrado demais para entender que o seu filho devoto, Gil, estava fodido. Com todas as letras, Dom Luis,f-o-d-i-d-o. É como diz para descer todo santo ajuda. Os santos e os entes mais queridos, eu diria, agora que me vejo empurrado ladeira abaixo”.(2005, p. 36)

A esquizofrenia presente nas poesias e provavelmente nas poesias de vanguarda modernista, representa o recurso da esquizofrenia para mostrar esse jogo da subjetivação e da singularidade que Guatarri expressa na cartografia do desejo. Mas Torres a usa para retratar um ser completamente capturado por essas forças, levado para um processo de individuação, de desligamento dos processos coletivos, de embotamento dos afetos, de dessemiotização, captura do desejo que levam à morte. Gil deixa claro, algo que Nelo não consegue dizer, mas que Totoim percebe, que eles estão seguindo seu próprio enterro, como diz o personagem de Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto para descrever o que significa o processo migratório.

Em *Taxi par Viana d'Áustria*, já encontramos um Antonio Torres, mais urbano, mais carioca, falando das ruas do Rio de Janeiro como quem fala do quintal de sua casa. Mas seu personagem não deixa de ter as marcas da migração. Nesse romance, Torres parece que quer deixar claro que o drama do migrante é ser um híbrido, no sentido negativo do termo. Na minha opinião, correndo aqui o risco de cometer um grande erro

e ser injusto com o autor, a obra de Torres tenta revelar(e alertar) as experiências mal sucedidas dos ambientes multiculturais. Ele quer dizer que a migração é um grande trauma, que não é justo escondê-lo sob a capa das histórias de sucesso e de adaptação que povoam as matérias especiais do jornalismo, no estilo Globo Repórter: “O nordestino que perdeu tudo e hoje é um dos homens mais ricos de São Paulo”, diz a manchete. Esse negativismo inicial também é o ponto de partida da obra de Silviano Santiago. Mas ele a conduz em direção ao processos e projetos coletivos, dentro do que Guatarri bem enfatizou quando distinguiu o processo de subjetivação capitalista do processo libertário da singularização. A essa resistência, a esse modo de produção semiótica coletiva, é que Silviano vai chamar de Cosmopolitismo do Pobre. Nesse aspecto, os Cadernos Negros(CN), como os rapper de São Paulo dos Racionais que convocam a formação da fátia e o movimento Mangue Beach, do Chico Ciente, em Recife são bons exemplos. E todos ele se apropriando-se da literatura menor. Existem outros movimentos populares, mas sem essa apropriação de uma literatura menor, ainda cooptados e captados pelas máquinas econômicas e institucionais do Estado.

Em seu texto sobre os CN, Florentina Silva Souza(2005) diz dessa experiência que, colocada aqui depois dessa vasta explanação dos escritos de Torres, mostra que o processo de singularização não se apresenta nas narrativas migratórias porque nelas já se estabeleceram processos esquizofrênicos agudos. Como vimos a esquizofrenia é um processo de descentramento que está presente no humano, na sua diversidade permanente e imanente. A palavra chave para denominar a singularização é a ressemantização que para Florentina Souza significa “reconstruir um lugar de ruptura com o Cânone, reverter-lhe o sistema de significação e de valoração(...)”(pag. 115)

Jamu Minka citado por Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa (Cadernos Negros-CN-2008) relata: “ fui percebendo a falta de identidade negra mais crítica de personagens mais de acordo com o que a gente vivia”. Cuti(idem, 2008) no mesmo livro diz que “nós negros precisávamos estar representados e também o branco precisava ser visto de outra maneira”. Veja que mesmo que não tenha se apropriado do discurso de Guatarri, as pessoas envolvidas com os Cadernos Negros(CN) perceberam que o processo de singularização passa pela linguagem, pelas codificações, algo que, talvez por contingências históricas, não foi percebido na trajetória dos personagens Torreanos que não se dão conta do processo semiótico, não vislumbram soluções coletiva e entram em uma individuação trágica.

Para Florentina Souza(2005), os CN são claramente propõem a inserção de “marcas de expressão textual criativa que não esconde sua preocupação social emancipatória”(113). Os CN estão repletos de elementos constitutivos da singularização quando, por exemplo, Manoel Bandeira é “relido de acordo com outras motivações ideológicas”. É importante que nesse processo o subalternizado tenha a percepção do seu processo de exclusão(entender as máquinas que lhe capturam o desejo). Florentina revela que os CN querem para o leitor “proceder alterações na sua auto-imagens e na sua percepção das relações raciais no país”(121)

Está claro que os aportes teórico oferecidos por Félix Guatarri e Suely Ronik(2011) e Félix Guatarri e Deleuze(2011) nos faz entender como a escrita de Antonio Torres utiliza recursos literários, bem conhecidos, para de maneira pertinente colocar em observação os processos de subjetivação capitalista e seus processos de resistência presentes na busca da reapropriação do desejo pela singularização. Também possível entender esses devires como elementos da esquizofrenia produtiva, capitalista e clínica, abordadas no texto de anti-édipo. Antonio Torres, também um migrante, mostra os perigos que estão à espreita nos ambientes multiculturais e o que representa, se aproximando do teatro a crueldade de Antonin Arthaud, comentado por Derrida em *Escritura e a Diferença*, a migração e a hibridização forçada e o entre-lugar para o migrante – trata-se simplesmente da máquina esquiza em pleno funcionamento, da qual se deve fugir por uma linha de fuga, por uma literatura menor, mas sempre passando por processos de resistência criativa, no que tão bem denominou Silviano Santiago como cosmopolitismo do pobre. Que destino terá a obra de Torres nesse contexto em que a migração se torna um estilo, juntamente com multiculturalidade? Em um Taxi para Viena D'Áustria, ele dá uma pista: mesmo com toda tecnologia disponível, o saga do nômade é a mesma. Não conheço a obra completa do autor par dizer se ele consegue atingir e retratar processos de singularização. Mas será que seus personagens continuarão tendo a mesma intensidade, encontrando um desfecho “positivo”. Eles sendo como são nos fazem entender a importância de ações como os Cadernos Negros. Pode-se dizer que o Torres fez para desterritorialização do migrante nordestino/baiano, o que um dia, Lima Barreto fez para o negro carioca. Só que os recursos de Torres tornam seu romance como um pedaço de carne tremulando no gancho do açougue.

**Referências Bibliográficas:**

ALBUQUERQUE JR, Durval Munia. A Invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo. Ed. Cortez, 2011.

DELEUZE, Guilles e GATARRI, Felix. O Anti-Édipo. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Guilles e GATARRI, Felix. O que é uma literatura menor?. Rio de Janeiro: Imago. Editora, 1977.

DERRIDA, Jacques. Gramatologia. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2011.

*Cadernos Negros: três décadas. (Co-organização, com Márcio Barbosa). São. Paulo: Quilombhoje / SEPPPIR, 2008*

GUATARRI, Félix. ROLNIK. Suely. Micropolítica: Cartografia do Desejo. Rio de Janeiro – Petrópolis, 2005.

FLORETINA, Souza. Afro-descendência em cadernos negros e no jornal mnu (capítulo: Diálogo com a tradição). Belo Horizonte: Autentica. Editora, 2005.

FOUCALUT, Michel. A ordem do discurso aula inaugural no collège france, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola. Editora, 1996.

FLORETINA, Souza. Afro-descendência em cadernos negros e no jornal MNU (capítulo: Diálogo com a tradição). Belo Horizonte: Autentica. Editora, 2005.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo a logica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática. Editora, 2004.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Fundamentos da Psicanálise de Freude a Lacan. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010.

SANTAGO, Silvano. O Cosmopolitismo do Pobre. Belo Horizonte. UFMG Editora, 2004.

TORRES, Antonio. Carta ao Bispo. Rio de Janeiro. Ed. Record, 2005.

TORRES, Antonio. Essa Terra. Rio de Janeiro. Ed. BestBolso, 2008.

TORRES, Antonio. Um Taxi para Viena D'Áustria. São Paulo. Ed. schwarcz, 1992.

WALTER, Benhamin, Passagens. Belo Horizonte-MG. Ed. UFMG.006.